

Revista Eletrônica

Carioca do Samba

Rio de Janeiro - Novembro de 2019 - Ano I - N°. 0 - Edição Semestral



5º Seminário Tem Samba na Academia

Dia 28 de novembro de 2019

Auditório do IFRJ

Campus Rio de Janeiro

Programação no verso

Cidadãos Carioca do Samba

Conheça os
agraciados. Pag. 2

ESPECIAL Onde começa o carnaval do Brasil

Pag. 13

5º Seminário

TEM SAMBA NA ACADEMIA



28 de novembro de 2019
Auditório do IFRJ Campus Rio de Janeiro
Rua Senador Furtado, 121/125
próximo ao Metro São Cristóvão

Programação

8:30 h Credenciamento

9:00 h Abertura

Secretaria Municipal de Cultura - Sr. Secretário Adolfo Konder
Museu do Samba - professora Desirree Reis
Clube do Samba - Ângela Nogueira
LIESA - Sr. Jorge Castanheira
Projetos Especiais da GRESEP Mangueira – professor Moacyr Barreto
Proex IFRJ - professor Júlio Page de Castro
IFRJ – Magnífico reitor Rafael Almada
Centro de Referência Carioca do Samba – Ricardo de Moraes

9:45 h **Mesa 1** – Tema: "Samba, território e Estado – uma abordagem política"

Mediador: professor Ivan Machado, conselheiro do Centro de Referência Carioca do Samba, mestre em Educação Profissional pela Fiocruz, ex presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Pesquisa I : "O PCB cai no samba" professora Dra. Valéria Guimarães (UFF)

Pesquisa II : "Adeus, Avenida! x Não Vou Dizer Adeus!: Samba, carnaval e política em Juiz de Fora ". Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior (UFJF).

Pesquisa III: "As ruas de Madureira e Oswaldo Cruz, espaço de transmissão de conhecimento e de culturas negras nos bairros suburbanos". Profa. Dra. Cristina da Conceição Silva (UNIGRANRIO).

12:15 h **LANÇAMENTO** - Documentário sobre Rosa Rosa Magalhães – UERJ Vídeo - 2019

12:45 h Almoço

13:45 h : **Homenagem aos 100 anos de Candonga**

14:00 h **Mesa 2** – Tema: "O Renascimento do samba enredo"

2.1 – *Olhar histórico*

Mediador – compositor cantor e ex-professor do IFRJ Ernesto Pires

- Palestrantes:

- O professor, historiador e escritor Luis Antônio Simas

- O pesquisador e escritor Diogo Cunha.

15:00 h - 2.2 – *Com a palavra os compositores*

Mediador – o professor Fábio Conceição, conselheiro do Centro de Referência Carioca do Samba, mestrando do Programa de Pós-Graduação de relações étnico raciais do CEFET

Participam os compositores Marquinho de Oswaldo Cruz, Bira da Vila, Luis Carlos Máximo, Dudu Botelho, Celsinho Andrade, Claudio Russo, Manu da Cuíca e Tiãozinho da Mocidade.

17:40 h **Entrega do Certificado da "Cidadania Carioca do Samba" a:**

Adelzon Alves, Roberto Serrão, Nelson Rufino, Noca da Portela, Tuninho Geraes, Zé Catimba e Sombrinha.

Simultaneamente teremos o lançamento dos livros

- "Zé Ketti e suas andanças por aí" de Onésio Meirelles - Rio de Janeiro; Editora Carioca do Samba – 2018

- "Rosa Magalhães: a moça prosa da avenida" – CTE – UERJ – Rio de Janeiro – Acervo do samba - 2019

- "Tributo ao samba II poesia de bambá" – de Carlos Poeta – São Paulo - Leia Livros – 2017.

18:00 h **Encerramento** - Apresentação musical

Realização:



Apoio:





Vinte anos de defesa do samba

Gratidão e luta

Essas duas palavras que definem o nosso atual momento.

Gratidão por ter conseguido chegar aos 20 anos de existência, com as parcerias que construímos, na defesa do samba. Luta porque o samba é um incansável guerreiro, que nos inspirou a lutar e defendê-lo a todo momento.

De marginal a patrimônio imaterial do país, o samba nos inspira cotidianamente. Nas mais diferentes atividades e desde o começo, sempre mantivemos a fidelidade ao samba e apoiamos seus criadores, adeptos e apreciadores.

Avançamos e estamos dando continuidade e consequência a um projeto editorial com esta edição comemorativa.

As fotos ao lado registram um pouco da nossa história desde os tempos de Taís Campos, nossa a fundadora e presidente de honra, de Renata Cholbi e de Rita Victória até os nossos dias. A revista fala, claro, de samba, das escolas de samba e do carnaval.

Temos ainda um caderno dedicado ao carnaval das escolas capixabas, divulgando um desfile que cresce em qualidade e concretizando nossa parceria com o site Viva Samba.

Na comemoração dos 20 anos, queremos convidar a todos parceiros e amigos que nos acompanham, para participar do *5º Seminário Tem Samba na Academia* que acontecerá no dia 28 de novembro, no campus Rio de Janeiro, do Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ., ao qual somos muito gratos pela parceria.

Este ano teremos uma pauta com uma parte acadêmica e outra dedicada a uma discussão dedicada ao “*Renascimento do samba enredo*”.

Outro ponto que teremos no 5º Seminário, será a entrega do certificado da *Cidadania Carioca do Samba*, a personalidades não nascidas no Rio de Janeiro

A programação sobre 5º Seminário, o leitor encontra nessa revista.

Mais uma vez agradecemos a todos pelo apoio e parceria, aguardamos vocês no *5º Seminário Tem Samba na Academia* e desejamos uma boa leitura.

Centro de Referência Carioca do Samba

Fotos: do Arquivo Carioca do Samba





Centro de Referência Carioca do Samba

Quem somos nós?

Somos um grupo de pessoas que têm como princípio comum, o amor pelo samba e pela liberdade.

Como sambistas libertários, sempre estaremos na linha de frente da defesa intransigente desses princípios.

Entendemos que os conceitos éticos estão à frente dos conceitos morais e, por isso, acreditamos na cultura como instrumento de libertação.

Eles podem nem ter nascido no
Rio de Janeiro
Mas ninguém duvida que eles merecem
“Cidadania Carioca do Samba”

Adelzon Alves
Nelson Rufino,
Noca da Portela
Roberto Serrão
Sombrinha
Tuninho Geraes
Zé Catimba

**No 5º Seminário
Tem Samba na Academia**

Dia 28 de novembro de 2019

Entrega do Certificado 17:40 h

Auditório do IFRJ Campus Rio de Janeiro
Rua Senador Furtado, 121/125
próximo ao Metro São Cristóvão RJ.

Espaço Visão

Este espaço é reservado para divulgação da VISÃO do

Centro de Referência Carioca do Samba.

Em defesa do samba e da cultura popular

Contra qualquer tipo de censura

Pela popularização da Constituição Cidadã de 1988

Revista Carioca do Samba

Novembro de 2019 - Ano I - Nº. 0

Edição: Ricardo de Moraes

Fotografias: Samuel Vieira e Acervo Carioca do Samba

Passista foto capa: Fernanda Figueiredo

Centro de Referência Carioca do Samba

Presidente: Ricardo de Moraes

Secretário Geral: Paulo Lúcio Teixeira

Tesoureira: Ane Alves

Conselheiros: Anderson Nascibekerr, Fábio Conceição,

Ivan Machado e Many Pereira

FALE CONOSCO

Centro de Referência Carioca do Samba

centrocariocadosamba@gmail.com

@cariocadosamba

<https://www.facebook.com/cariocadosamba/>

Copyright © 2019 Centro de Referência Carioca do Samba



Sobre fantasias, alegorias, sustentabilidade e o amor pelo samba

Por Ane Alves *

teria usado penas da Ave do Paraíso uma ave rara, em sua cabeça. A atriz se manifestou dizendo que “As penas foram recicladas de acervos de anos anteriores e reutilizadas com nova coloração”. Uma explicação confusa, mas que de qualquer forma corrobora para o pensamento de preservação e sustentabilidade que as escolas já adotam há bastante tempo.

Em tempos de escassez de recursos naturais, palavras como: reuso, reutilização, reaproveitamento e sustentabilidade estão cada vez mais em voga e são ações que devem ser postas à prova e nas escolas de samba não é diferente.

Já algum tempo os carnavalescos estão dando um banho de estética criativa, fazendo uso de materiais inusitados, descartáveis e artificiais.

Este ano podemos destacar a Águia de Ouro, de São Paulo com o enredo *Amor com amor se paga - Uma história animal*, que desfilou sem utilizar penas, plumas e nenhum material de origem animal, a Grande Rio, do Rio de Janeiro com o enredo *Quem nunca?* onde em todas as fantasias das alas, foram utilizadas penas artificiais e ainda trouxe quatro carros que foram decorados com garrafas pets e ainda, a Mocidade Independente de Padre Miguel, Rio de Janeiro, com o carro abre alas todo ornamentado de copos descartáveis.

Mesmo assim, as escolas ainda utilizam plumas e penas de aves principalmente em figuras que ocupam maior destaque nos desfiles tais como destaques de carros alegóricos, mestre salas, porta bandeiras e rainhas de bateria.

Este ano não foi diferente, com a polêmica sobre a cabeça da atriz Juliana Paes, rainha de Bateia da Grande Rio, que segundo a ONG Ampara Animal,

São inúmeras iniciativas como essas em todas as escolas de samba sempre com o intuito de abaixar o custo, preservar a natureza e a sustentabilidade. Hoje elas se preocupam com o descarte, excesso de materiais utilizados ao final de cada carnaval. Ferragens e madeiras são transformadas em outras alegorias ou doadas a escolas de samba menores. Plumam, penas e pedraria são aproveitadas para novos usos ou vendidas a custo muito inferior, mas, mesmo com todo esse cuidado apenas 30% do material usado é reaproveitado sendo os outros 70% descartado, ou seja, muito lixo indo para lugares desconhecidos ou amontoados em galpões.

Por fim, como manifestações culturais nunca são fáceis de serem administradas, e é essa prática que as fazem tão ricas e repletas de significados, também as escolas de samba vão e precisam cada vez mais se moldar aos novos tempos de economia e aos diversos movimentos que a sociedade reproduz, para que com isso quem ganhe seja a festa do povo, o carnaval!

***Ane Alves:** Graduada em Produtora Cultural, artista e artesã (sustentável) e graduanda em artes visuais.

Referências:

Pegado. Israel Antônio Sequeira. *A Evolução do Carnaval: A esta popular que virou produto - Belém do Pará - 2005*

Xavier. Clarissa Valadares, Maia. Carlos Eduardo Santos. *A diversidade dos carnavais no Brasil - Sobre Fantasias e Abadás - Uberlândia 2009*

www.hypness.com.br - acesso 10/03/2019

www.terra.com.br - acesso 10/03/2019



Inovação: Liberdade, criatividade ou necessidade de um mestre de bateria?

Por Ivan José Machado da Costa *

*“Todo mundo te conhece ao longe
Pelo som dos seus tamborins
E o rufar do seu tambor”
Chico Buarque*

Uma das grandes virtudes das várias expressões estéticas oriundas da base da sociedade é sua franca aderência ao novo. Exatamente por isso o carnaval é uma grande e buliçosa caixa de surpresas, capaz de produzir, sem preconceitos, espanto e alegria à seus espectadores, equilibrando, através de uma ética própria, tanto inovações tecnológicas e rítmicas quanto valores caros à mentalidade de uma escola de samba. Nesse sentido, se existe no contexto de uma agremiação carnavalesca um fator capaz de concentrar elementos que remontam nossa ancestralidade estética, em comum acordo com a velocidade e sonoridade de nossos tempos, esse fator fundamentalmente é a bateria. Ao longo do tempo, no entanto, vemos que o processo evolutivo ao qual uma bateria de escola de samba se submete, a levou a um nível de exigência próprio, onde a mítica “nota 10” é hoje condição *sine qua non*.

Hipoteticamente, se um grupo de amigos que curtem carnaval pensar na formação de um bloco de embalo, mesmo que pelo simples e sublime desejo de celebrar a felicidade, necessariamente a aquisição de instrumentos básicos para formação de uma bateria, será a primeira demanda. Mesmo que, posteriormente, esse pseudogrupo entenda a necessidade de definir o samba que vai embalar o cortejo e até mesmo se o gênero musical adotado será a tradicional e divertida marchinha, há que se pensar na condução rítmica do grupo. Ou seja, ainda assim a bateria continuará sendo prioridade, por conta da necessidade de um olhar mais apurado quanto ao tipo e qualidade dos instrumentos e pela necessidade de uma condução rítmica que garanta o alegre percurso, definido por aqueles foliões imaginários.

Paralelo a isso, quando olhamos para o ensino formal de música, vemos que um de seus pontos fundamentais é o entendimento do conceito de “andamento” ou “pulsção”. O entendimento desse conceito musical torna-se fundamental, tendo em vista que *“a manutenção regular e a sustentação da cadência da Bateria em consonância com o Samba-Enredo”* é o primeiro dos três fatores dignos de atenção dos jurados.

Essa regularidade” se define pela velocidade contínua a ser aplicada na peça musical e, o que há de comum às duas definições é exatamente a firmeza e continuidade necessárias à execução da peça musical, sem as quais, como no jargão do carnaval, a bateria fatalmente vai “atravessar” o samba. Já o ritmo, consiste em definir o “desenho” dos sons que serão articulados em uma determinada velocidade. Nesse sentido, deveria ser fundamental manter um padrão rítmico, de igual modo constante e estável. Exatamente por isso o mestre de bateria, munidos de sua liberdade estética, se esmera em desafiar essa “ordem natural” imposta pela ortodoxia acadêmica.



Ao observarmos o som das baterias de escolas de samba no Rio de Janeiro, pelo menos até os anos 60, não perceberemos muitas variações rítmicas ou alterações de velocidade. No entanto, já é possível perceber que instrumentos não convencionais são gradualmente inseridos, como os pratos e a frigideira, implantados pelo percussionista Calixto dos Anjos, do Império Serrano que, segundo Nei Lopes, já se ouve na avenida em meados dos anos 50. Por ter caráter de solista, instrumentos como esses são postados à frente do conjunto, deixando mais ao centro os instrumentos responsáveis pela constância do andamento, como a caixa e o repinique. O mesmo se aplica aos surdos, responsáveis pela constância da pulsação durante os desfiles. O surdo de terceira, instrumento menos grave que o de “marcação” (de segunda) e o “resposta” (de primeira), já é notado nos anos 70, pelo menos em São Paulo, no GRES Nenê de Vila Matilde, agremiação fundada nos anos 50 em São Paulo. A finalidade desse terceiro som grave é exatamente a de possibilitar a “bossa”, na ortodoxia imposta pela necessidade da marcação dos tempos 1-2 sem, contudo, comprometer o segundo item em julgamento, que é *“a perfeita conjugação dos sons emitidos pelos vários instrumentos”*.



...quando olhamos para o ensino formal de música, vemos que um de seus pontos fundamentais é o entendimento do conceito de “andamento” ou “pulsção”.

Outro fator de mudança na performance das baterias de escola de samba é o aumento na pulsção, provocado pela delimitação de tempo destinado ao desfile no grupo especial, onde uma agremiação chega a ter cinco mil componentes. Desse modo as batidas tornam-se mais simplificadas, de modo a facilitar a execução por parte do instrumentista durante o limite de setenta e cinco minutos de desfile. Ainda assim é possível ao mestre de bateria dar seu toque pessoal ao acompanhamento do cortejo, dinamizando ritmicamente o acompanhamento sem, contudo, interferir na interpretação do samba enredo. O que não é uma novidade, mesmo antes das últimas alterações na delimitação no tempo de desfile e o elevado nível de criatividade aplicado à bateria.

Foi no desfile de 1959 que a Mocidade Independente de Padre Miguel, até então uma novata no carnaval carioca, trouxe uma inovação. Sob o comando de Mestre André, a escola da Zona Oeste do Rio de Janeiro faz um breque na bateria, mantendo apenas as caixas de guerra como referência para a pulsção. Aquela intervenção radical no acompanhamento do desfile tornou-se um divisor de águas. No terceiro item fundamental em julgamento está “a criatividade e a versatilidade da Bateria”, dando ao mestre a mesma importância dada aos grandes regentes eruditos. Ou seja, a competente interpretação criativa sobre uma base rítmica já definida é capaz de garantir o ponto alto do julgamento desse primeiro quesito em julgamento, com a nota 10. Na esteira de inovação e sucesso de Mestre André vem também Mestre Jorjão, que incorpora a batida do Funk carioca, ampliando o sentido do termo “paradinha”. Agora, essa denominação diz respeito às alterações que alteram o ritmo contínuo da bateria durante o percurso.

Tal inovação de Mestre Jorjão mostrou-se fundamental para que a Unidos do Viradouro conquistasse seu único campeonato no grupo de elite das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Esse imenso coração pulsante que, por exigência regulamentar, deve reunir minimamente 150 componentes, apenas reflete de forma fidedigna o imaginário cultural de uma comunidade, se tiver em si a superação como meta. Agora que estamos às portas de mais um encontro festivo, devemos estar atentos aos novos sinais, de modo que pequenos detalhes, capazes de fazer história, não passem despercebidos. É tomarmos o passado como referência do que somos, sem medo de acompanhar de forma coerente a sociedade em que vivemos, com nossos sons e a velocidade do mundo moderno. Nesse sentido, a bateria torna-se um reflexo de nosso tempo, deixando às gerações futuras um fiel retrato do processo evolutivo pelo qual passam as batidas de cada coração e a mente fértil de cada carioca.



** Ivan José Machado da Costa*

*Mestre em Educação Profissional pela EPSJV/Fiocruz
é especialista em Arte-Educação, músico,
historiador e atuou como presidente do
Conselho Estadual de Política Cultural - RJ
no ano de 2018.*

Referências bibliográficas:

As paradinhas: <http://www2.sidneyrezende.com/noticia/113801/?p=1>

ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Cravo Albin**, disponível em: <http://dicionariompb.com.br/>

LIESA, **Manual do Julgador**. LIESA, carnaval / 2017;

_____, **Regulamento Específico dos Desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial da LIESA**, Carnaval / 2018

LOPES, Nei. **Dicionário da História Social do Samba**, Companhia das Letras, 2015

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. **A Batucada da Nenê de Vila Matilde: formação e transformação de uma bateria de escola de samba paulistana**. / Francisco de Assis Santana Mestrinel. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.



O recado foi dado

Por Fábio Conceição *



No dia 09 de outubro de 2007, o IPHAN reconheceu o samba carioca (partido alto, samba de terreiro e samba-enredo) como “patrimônio cultural imaterial” do Brasil. Pode-se afirmar que esse reconhecimento é resultado da ação de vários atores sociais ao longo de muitos anos. Das Tias Baianas, Mães-de-Santo, que garantiram em suas casas a possibilidade de desenvolvimento do samba à ativistas dos movimentos sociais negros, muitos agiram, conscientemente ou não para que esse reconhecimento fosse dado. O caminho percorrido foi muito árduo, senão vejamos: durante a República Velha (1889-1930), o Estado brasileiro aprofunda sua política de branqueamento criminalizando quaisquer manifestações culturais e sociais da população negra. Como exemplo pode-se citar o Código Penal de 1890 que ao tipificar como crime a vadiagem, procurou garantir através de um instrumento legal o controle sobre a população negra e suas expressões. Mas há forças e vibrações que nem a máquina do estado pode impedir, como nos lembra Roberto Moura

A modernização da cidade e a situação de transição nacional fazem com que indivíduos de diversas experiências sociais, raças e culturas se encontrem nas filas da estiva ou nos corredores das cabeças-de-porco, promovendo essa situação, já no fim da República Velha, a formação de uma cultura popular carioca definida por uma densa experiência sociocultural que, embora subalternizada e quase que omitida pelos meios de informação da época, se mostraria, juntamente com os novos hábitos civilizatórios das elites, fundamenta na redefinição do Rio de Janeiro e na formação de sua personalidade moderna.

Em fins dos anos 20, em meio a uma crise política-institucional que enfraqueceu o domínio das oligarquias rurais e a uma crise econômica internacional devastadora, um terremoto de efeito prolongado abalou, de alto a baixo, a música popular brasileira. Seu epicentro foi o bairro de Estácio de Sá, encravado entre o Morro de São Carlos e o Mangue, nas proximidades da zona central do Rio de Janeiro. Reduto de gente pobre, com grande contingente de pretos e mulatos, era um prato cheio para as associações que normalmente se estabelecem entre classes pobres e “classes perigosas”. (...) Berço do novo samba urbano, o Estácio não terá, todavia, exclusividade no seu desenvolvimento. Quase simultaneamente, o “samba carioca”, nascido na “cidade”, iria Galgar as encostas dos morros e se alastrar pela periferia afora, a ponto de, com o tempo, ser identificado como “samba de morro”. (PARANHOS-2003). E assim nascia o *samba de sambar* menos amaxixado e adequado às características dos futuros desfiles de escola de samba.

A partir da década de 1930 abre-se um novo capítulo na História do Brasil: a Era Vargas (1930-1945). A partir de então ocorreram profundas alterações econômicas, com a gradativa substituição do modelo agrário-exportador para o urbano-industrial, políticas, com a ascensão de novos atores sociais até então excluídos e culturais, com a necessidade de se



construir valores de unidade nacional que se adequassem a nova ordem que então se impunha. Nesse contexto o samba e seus agentes passam a ser considerados como elementos importantes dessa empreitada. As Escolas de Samba, que ainda se estruturavam de maneira amadora e incipiente garantiriam maior espaço na cena cultural carioca e sua relação com os agentes públicos era ao mesmo tempo harmoniosa e conflitante.

Há consenso entre os pesquisadores do samba e suas histórias que o primeiro desfile das escolas de samba ocorreu na Praça Onze em 1932 organizado pelo jornal Mundo Esportivo. Merece destaque o fato que nos primeiros desfiles dos anos 30, muitas escolas não apresentavam enredos ou ainda os sambas apresentados não se relacionavam com eles. A partir de 1934 os desfiles das Escolas de Samba passaram a ter outro sentido pois nesse mesmo ano foi fundada a União das Escolas de Samba que como destaca Cabral (1996:97), no primeiro artigo dos estatutos fica claro que sua finalidade era “organizar programas de festejos carnavalescos e exposições públicas, entender-se diretamente com as autoridades federais e municipais para obtenção de favores e outros interesses que revertam em benefício de suas filiadas”. E em suas cláusulas péticas a obrigatoriedade presença das baianas e a proibição do uso de instrumentos de sopro. E ainda “a obrigação de, nos enredos, as escolas de samba apresentarem *motivos nacionais*”.

Em novembro de 1937, Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo a primeira ditadura da jovem república brasileira. Entre muitas medidas autoritárias e de exceção, interessa destacar a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) responsável pela censura e por enaltecer a figura e os feitos do ditador.

Nesse período os desfiles das Escolas de Samba foram utilizados de maneira mais intensa, como símbolos da harmonia social e racial, através de uma ação destacada do DIP. Seguindo as determinações do estatuto da União das Escolas de Samba, do poder e atuação do estado através das subvenções as Escolas de Samba e ao populismo autoritário de Vargas, os sambas de enredo passaram a figurar como elemento importante, tanto para os sambistas como para os agentes públicos. Desde então é possível aprender muito da História do Brasil e suas gentes através dos sambas de enredo. E mais, é possível protestar, criticar, contar Histórias não contadas e não desejadas.

Há muito tempo que os sambas de enredo dizem coisas que o poder e seus detentores não querem que seja dito. No carnaval de 1969 a GRES Império Serrano leva para a Avenida Rio Branco, Heróis da Liberdade. Samba dos geniais Silas de Oliveira, Mano Décio e Manoel Ferreira. Além de uma melodia belíssima e de tirar o fôlego, a letra do samba dizia “*Essa brisa que a juventude afaga / Essa chama / Que o ódio não apaga pelo universo / É a evolução em sua legítima razão*”. Quanta coragem e ousadia. Viviam-se o endurecimento da ditadura civil-militar com a recente imposição do Ato Institucional Nº 5 em dezembro de 1968. Há quem afirme inclusive, que os compositores foram chamados pelos órgãos de repressão e controle para explicações onde teriam exigido a substituição de uma palavra no samba: de REVOLUÇÃO para EVOLUÇÃO. Ainda assim o recado foi dado.

Em 1988 outro momento épico e inesquecível do carnaval carioca. A Vila Isabel apresenta o enredo de Martinho da Vila, Kizomba Festa da Raça. O samba de enredo, composição de Luís Carlos da Vila, Jonas e Rodolpho está entre aqueles que jamais será esquecido.

* *Fábio Conceição*, conselheiro do Centro de Referência Carioca do Samba, mestrando do Programa de Pós-Graduação de Relações Étnico Raciais do CEFET



Tínhamos uma ainda jovem democracia. Uma Assembleia Constituinte eleita estava elaborando aquela que ficou conhecida como Constituição Cidadã por conta do reconhecimento e ampliação de direitos que hoje estão profundamente ameaçados. Era também o ano do centenário da abolição. Os movimentos negros do país inteiro estavam mobilizados para denunciar a farsa da abolição. Toda essa agitação, certamente exerceu alguma influência neste que foi o mais importante desfile da Vila Isabel e com muita justiça, vitorioso. Quem não lembra emocionado do ***Valeu Zumbi / O grito forte dos Palmares / Que correu terras, céus e mares / Influenciando a Abolição***. De novo, recado bem dado. No mesmo ano a Mangueira apresenta 100 anos de liberdade, realidade ou ilusão? Enredo de Júlio Matos que na sinopse apresentada aos compositores dizia: ***“Nos tempos modernos, a grande maioria negra passou a viver nas favelas devido à falta de estrutura dos pós libertação, tendo em vista que não lhe foi dado o mínimo para enfrentar a nova realidade social. A favela está pronta para explodir, como um barril de pólvora, com toda a comunidade sofrida, abandonada pelo poder público, apesar dos esforços atuais, no sentido de amenizar a situação que pouco refletem a realidade. Não bastam as obras faraônicas, o que importa são as soluções de curto prazo, com escolas, alimentação, condições mínimas para respirar e a abertura do mercado de trabalho para os negros. Hoje o negro enfrenta o pior racismo que existe no mundo: o racismo fechado. Mas com a união das comunidades das favelas e do asfalto, como já existe na Mangueira, breve estaremos todos juntos lutando apenas pelo ideal de ver nosso país livre e sem racismo.”***

O samba de enredo foi composto pelos veteranos Hélio Turco, Jurandir e Alvinho que na voz do grande José Bispo Clementino dos Santos, o saudoso Jame-lão, arrepiam. Seus versos dizem: ***Pergunte ao criador / Quem pintou esta aquarela / Livre do açoite da senzala / Preso na miséria da favela***. A Mangueira ficou em segundo lugar. O recado foi dado.

O enredo, samba-enredo e desfile da Mangueira deste ano, certamente entrarão para a história do carnaval carioca e que entrem também nos corações e mentes de milhões de negros e negras das periferias brasileiras e que a emoção sentida se transforme em armas de luta por um país melhor para todos e todas.

A capacidade mobilizadora da cultura popular é enorme mesmo não sendo reconhecida por certos setores acadêmicos e progressistas que insistem em serem reconhecidos como os únicos conhecedores de tudo. As questões levantadas pelos sambas de enredo citados e muitos outros vem contribuindo para a formação de uma consciência crítica geradora de autoestima, capacidade criativa e mudança. O recado foi dado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Nelson da Nobrega. Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949 / Nelson da Nobrega Fernandes. – Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

CABRAL, Sérgio. As escolas de samba: o que, quem, como, quando e por que. Rio de Janeiro, Graphos Industrial

Gráfico, 1974.

_____. As escolas de samba do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Lumiar Editora, 1996.

MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983. 2 ed. rev. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura 1995.

PARANHOS, Adalberto. A invenção do Brasil como terra do samba – os sambistas e sua afirmação social – ARTIGO - 2003

Dossiê das matrizes do samba no Rio de Janeiro – www.iphan.com.br



Julgamento e critérios

Por Tito Canha *

Desde já as congratulações ao Centro de Referência Carioca do Samba pelos vinte anos de luta e pela excelente iniciativa de lançar esta Revista comemorativa. Parece jargão e talvez seja mesmo, mas são movimentos como esses que colaboram na construção da preservação de nossa Cultura. A abnegação é a seiva que dá viço e que mantém viva essa estranha epidemia chamada Carnaval.

Em nossa terra o Desfile das Escolas de Samba confunde-se com a festa. Com o Carnaval. Lembro-me que nos anos 90, inaugurou-se de modo tímido, nas salas da LIESA, a discussão de que se valia a pena ou não os Desfiles terem um calendário à parte, com datas fixas, próximas, mas não vinculadas necessariamente ao tal tríduo momesco. À moda de Parintins, digamos. Não vingou. No Rio, Carnaval é desfile de Escolas de Samba.

Se há crise nos Desfiles? Em nosso País, nos dias que ardem, a própria Existência está em crise.

O Carnaval carioca vive, sem dúvidas, um momento que uma profunda reflexão se impõe. A confusão que as Escolas e o Estado fazem um com o outro no que diz respeito aos seus papéis é um evidente exemplo disto. A gestão organizacional, o processo sucessório nas Escolas, dão o que falar. Mas o espaço aqui é curto e vou tratar do que há muito me ocupa.

. Os julgamentos.

Entendo que o modo como se dão hoje em pouco favorecem a preservação dos princípios fundamentais do que seja um Desfile- guardados pela História - em suas múltiplas formas de expressão da Arte. Durante a apresentação de uma Escola estão presentes o Canto e a Dança; Pintura e Escultura e por aí vai. Ocorre que a orientação oficial que rege os julgamentos, são, a meu juízo, equivocados e que pouco colaboram com o que deve ser julgar, na Avenida, a apresentação de uma Escola de Samba. O papel de um julgador não pode ser reduzido, à luz de um regulamento anacrônico, em um fiscal de “erros” supostamente cometidos. O valor de um Carro Alegórico, por exemplo, no contexto de um desfile, deve ser entendido como uma manifestação, simbólica ou não, do que é intenção mostrar, de ilustrar colaborando e facilitando o entendimento do Enredo pelo público. Concepção, pertinência e execução devem ser preponderantes no julgamento nesse quesito e não o fato de uma lâmpada estar apagada no “queijo” de um destaque. É falsa a premissa que as Escolas entram na avenida com o grau máximo e vão perdendo pontos no curso da apresentação. Isto distorce, repito, a função maior de um Julgador. Mas isto é uma longa história.

** Tito Canha é Psicólogo e Jornalista, Pesquisador da Fiocruz e especialista na área da Saúde Coletiva. Por mais de vinte anos julgou o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro. Consultor e colaborador com prefeituras na formação de julgadores. No jornal "O Povo" tinha a coluna "Dizendo no Pé" sobre o Carnaval e Cultura Popular.*



O renascimento do samba enredo

Por Ricardo de Moraes *

Nos primórdios dos desfiles, as escolas cantavam vários sambas de seus compositores. Eram dois, três ou mais sambas, muitas vezes um refrão de improviso seguido de outros versos, mas tomando como referência o depoimento de Djalma Sabiá ao Programa Tudo é Música da TVE (**ver link abaixo), consta que em 1940 a extinta escola de samba “Depois eu digo”- verde e branco que na década seguinte, na fusão com outras escolas do morro, deu origem a Acadêmicos do Salgueiro – ao desfilar com o samba “A Casa do Pequeno Jornaleiro”, do compositor Pindonga, pode ter feito o primeiro desfile com um samba enredo, no sentido clássico. Essa é uma das nossas versões preferidas.

Desde então o regulamento dos desfiles evoluiu, muita coisa aconteceu e, mais tarde, as escolas teriam o samba enredo como um quesito no julgamento dos desfiles. No começo eram obrigatórios temas históricos, depois as próprias escolas passaram a escolher seus temas de enredo e na sequência o samba enredo.

No final da década de 1960 os sambas enredo das escolas, passaram a ser gravados e passaram a render um “cascalho forte” para os compositores, tendo como consequência um acirramento nas disputas e escolhas dos sambas.

Recentemente identificávamos uma crise do samba enredo nas escolas. Apontávamos além do advento dos “sambas de “escritório” - caracterizado por grupos de compositores reunidos para criar e disputar em diversas escolas, com caixa de investimento e faturamento comum e assinatura de um compositor da escola onde se concorre – as indicações de autores,

*** Programa Tudo é Música—Especial sobre Escolas de Samba, foi uma série exibida pela TV, na década de 80. Apresentado por um dos maiores pesquisadores do samba, José Ramos Tinhorão. Veja o link:*

<https://www.facebook.com/100009991188563/videos/975119016164462/>



algumas reedições, a adoção de músicas populares como sambas enredo e parcerias que mais parecem a escalação de um time de futebol, dentre outras deformações. Entendíamos que esse conjunto de fatores, acabavam com a boa disputa e inibindo o surgimento de novos nomes nas alas de compositores das escolas.

Eis que de 2019 pra 2020, surge uma luz no fim do túnel, com duas novidades:

A Estação Primeira de Mangueira inovou adotando um processo seletivo pra esvaziar a ação do poder econômico. Jamais escondi minha predileção pela Acadêmicos do Salgueiro (“meu torrão amado”), no entanto, não posso me furtar a louvar milhões de vezes a atitude da verde e rosa. PARABÉNS MANGUEIRA!

A União da Ilha não lançou *sinopse* do enredo para que os autores tivessem liberdade pra criar. Não se trata propriamente de uma grande inovação, mas é um diferencial no Grupo Especial para 2020

Daqui nós torcemos pra que as novidades sejam acertadas e, sobretudo, pra que a atitude da Mangueira seja seguida pelas demais escolas, entendemos que isso já é um grande sinal do renascimento do samba enredo e a oportunidade do ressurgimento de novos compositores, em disputas mais democráticas, que só elevarão a qualidade dos sambas.

* Ricardo de Moraes : Produtor Cultural, presidente do

Centro de Referência Carioca do Samba



A crise no carnaval do Rio de Janeiro

Por Lia Amorelli *

Pergunta-se, se existe solução. Duvida-se que tenha um caminho, que possa modificar todo o cenário atual.

Arrisco-me a dizer que sim. Existe o início de uma solução. A capacidade de reação que temos, quando queremos enxergar. A crise pode nos trazer um amadurecimento ou nos destruir. A busca pela qualificação de quem constrói o Carnaval, a reciclagem comportamental e a capacidade de reação da comunidade do samba são o que pode definir uma nova trajetória.

Tempos atrás, as noites perdidas de sono, as infinitas reuniões, as rodas de conversa, eram pausadas na construção de um Carnaval ativo e exuberante. Desenvolvimento de enredos, escolhas de sambas, alvoroço dos compositores, realização de eventos, formação de equipes e tudo mais que compõe o ritual do processo carnavalesco. Porém, essas mesmas ações tiveram o curso alterado, e transformaram-se em um palco para discussões e debates dos rumos da festa momesca.

Se esses mesmos rumos fossem em direção ao progresso, estaria ótimo. Porém, o que se vê, é a destruição da festa, que caminha a passos largos para o fundo do poço. A história, a tradição, a cultura, foram substituídas por brigas de vaidades e poder, atingindo diretamente quem mais sofre, a comunidade do samba. Aquela comunidade que derrama lágrimas ao torcer pelo seu pavilhão, aquela que sorri quando chega ao fim da avenida certa do dever cumprido, aquela que se emociona quando lembra dos antigos carnavais.

Se as escolas estão em crise? Podemos dizer que todo o sistema está. Uma coisa puxa a outra. A crise define perdas, substituições, e coloca em xeque todo o equilíbrio de uma sociedade, tornando nosso segmento cada vez mais vulnerável. Nesse contexto, não falamos somente do desenvolvimento do Carnaval, mas também do sambanredo, deixando de lado a riqueza da construção educativa e cultural que essa vertente musical representa transformando-se em um comércio de letras e melodias, deixando claro o interesse financeiro sobreposto ao desenvolvimento.

** Lia Amorelli – Jornalista, Publicitária, Gestora de Mídias e dirigente do site/ revista Ritmo Carioca - Samba e Carnaval*





ESPECIAL

Caderno do Carnaval Capixaba 2019



**CENTRO DE
REFERÊNCIA
CARIOCA
DO SAMBA**

**Todas as fotos desse caderno são do
repórter fotográfico Samuel Vieira.**

O CARNAVAL DO BRASIL COMEÇA AQUI

Por Iamara Nascimento*



Na foto Fernanda Figueiredo - a esquerda - rainha da MUG (ES) e musa da Salgueiro (RJ), Jorge Francisco (Chiquinho Babado da Folia - RJ/ES) e Iamara Nascimento - Equipe Viva Samba

Há sessenta e quatro anos um sambista capixaba inventou de trazer um ritmo diferente exportado do Estado do Rio de Janeiro para os morros da deliciosa Ilha do Mel. Desse ritmo nasceu à escola de samba Unidos da Piedade, contrariando alguns grupos, o que é normal. O movimento deu tão certo que hoje a Cidade conta com dezenove agremiações ramificadas de onde mora o samba e distribuídas em três grupos com três Ligas diferentes. Outrora foram quase quarenta escolas.

Tudo são flores?

Não, mas os resultados sempre são satisfatórios na medida do possível. O capixaba tem o dom de ser otimista. Bairrista? Muito. Chega dar “gastura”. Fazer carnaval com escassez de recursos sempre foi um quesito quase que obrigatório. Em tempos sombrios onde o Estado laico está longe de ser respeitado, uma cidade conservadora como Vitória consegue agregar foliões apaixonados que não medem esforços para estarem na avenida “pocando” tudo. O trabalho é árduo, faça chuva, faça sol.

As escolas de sambas se estenderam por toda região, mas o grande desfile acontece na Grande Vitória.

Não temos um sambódromo, mas um Sambão do Povo inaugurado em mil novecentos e oitenta e sete com total inspiração na obra do Niemeyer. E porque não dizer que o carnaval capixaba da gema carrega tendências cariocas ainda hoje com muito orgulho?

Durante os dias 21, 22 e 23 de fevereiro de 2019. Isso mesmo. O carnaval da terra de Maria Ortiz tem a peculiaridade de começar uma semana antes. É comum ouvirmos do capixaba que nossa festa momesca é do Luiz Paulo Veloso Lucas, (então Prefeito da Cidade que mudou a data no final dos anos 90) e o oficial é de Deus. Se for sagrado ou profano a população carnavalesca agradece.

Nestes dias de folia quem foi ao Sambão do Povo sorriu, chorou, se emocionou, protestou e aplaudiu muito também, porque nosso carnaval “pocou”. Se você não foi ao Sambão ou não ligou a televisão preferindo chupar “mixirica” ou ficar esticado que nem “taruíra” na parede perdeu de agradecer a maior manifestação popular e cultural da Cidade.

Heróis? Sim!



“ *Também vi um Universo multicolor, a fantasia replicou a vingança e a justiça*” A Venenosa de Maruípe saiu da avenida com a cabeça erguida e alma lavada. Em tempo de amar a Barreiros levou seu brilho para abrir caminho com amor dando espaço para a Rosas de Ouro exaltar a cultura chinesa E o Cavreira que virou Santo deixou os “*versos do poeta a cantar no toque do acorde final*” porque é uma tradição de peso. Salve São Torquato. Chega Mais porque o Amazonas sempre será o futuro do Brasil no sorriso e abraço negro da Tradição Serrana. E a Pedra Menina apareceu para mostrar o que é carnavalesco.

Chegou o que faltava na passarela. Se a Império de Fátima é caçula ou não, não deram mole, o ticumbi e folia de Reis tiveram que sambar e mostrar o Mar de Conceição da Barra num dever de gente grande.

E o verde e rosa da Imperatriz se transformaram no azul das águas que choram contra um mar de lama que virou o nosso Rio Doce. Mas os Mal Ditos gatos da Piedade não miam, reivindicam paz nas comunidades e no samba, porque existe

uma Mocidade que precisava passar com o seu sorriso.

E a Pega no Samba pediu passagem para a D. Lenira mostrar com quantas bailarinas se forma um balé clássico que saiu do palco para girar na passarela momesca capixaba.

E pra quem achava que a Águia não daria enredo, a Boa Vista apresentou seus vigilantes e acreditou que em sua comunidade ainda existem amigos fiéis da furiosa.

A família Imperiana deu o seu grito em defesa a todas as mulheres, fez careta pro machismo, denunciou, e mostrou que leões não nascem sem leoas. Seu rosa brilhou forte de fato.

A coruja viajou nos delírios do Bispo e pintou e bordou seu manto imaginário para cobrir a Nação de Jucutuquara.

Será que é loucura?

Sim!

Nós capixabas somos todos loucos por carnaval de escolas de samba e carregamos uma “Vitória abençoada e ungida pelo Espírito Santo”.

* **Iamara Nascimento** é diretora do site Viva Samba, que promove anualmente o Prêmio Faisão de Ouro, em Vitória—ES—é funcionária pública municipal.



viva samba



Imagens do Sambão do Povo
A passarela do samba Capixaba





Imagens do Sambão do Povo
A passarela do samba Capixaba





Imagens do Sambão do Povo
A passarela do samba Capixaba





Imagens do Sambão do Povo
A passarela do samba Capixaba





Nossos agradecimentos ao amigo e parceiro mestre Manoel Dionísio



@mestredionisio

Zé Ketti e suas andanças por aí



Onésio Meirelles

De Onésio Meirelles o livro *Zé Ketti e suas andanças por aí*, é a primeira produção editorial do Centro de Referência Carioca do Samba .

Casado com Geisa o autor é genro de Zé Ketti e nos traz um pouco da intimidade do grande compositor portense. As andanças do sambista, verdadeiro ícone da cultura nacional, foram descritas com muito carinho e respeito. Leitura que vale a pena. Confira!

Zé Ketti e suas andanças por aí



Onésio Meirelles

vem aí

5º Seminário

TEM SAMBA
NA ACADEMIA

Samba: resistência e transformação

28
novembro
2019
09 as 18h



Em comemoração aos 20 anos do CRCS

Realização:



Apoio:

PROEX

